

Bica

REVISTA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



Bica

revista

CINEMA

João Moreira | Editorial #3
Manuel Mozos | Grande entrevista #5
François Truffaut | "Os filmes da minha vida" #16
Salvato Teles Menezes | James Joyce e John Houston, irlandeses #26
João Bénard da Costa | Hatari! / Hatari! #33
Maria João Madeira | Uma volta pelo cinema do passeante... #36
António Preto | Manoel de Oliveira #46
José Manuel Costa | Cinco notas sobre a Cinemateca #52
Pedro Santos Guerreiro | No futuro é que era bom #62
Carlos Fiolhais | Cinema e ciência #64
Domingos Miguel | Cineastas pelo caminho #69
Beatriz Figueiredo | A primeira heliografia de Niépce #72
Paulo Duarte, sj | E, de repente, tempo novo de vida #74
Alexandre Borges | O cinema nas nossas celas #76
Pedro Maia Martins | Os Conselhos de José, o teimoso #78
Bruno Manique | Por detrás da camara #84
André Serpa Soares | We'll always have Paris #85
Francisco Cipriano | "Movement", uma viagem por vidas criativas #86
Bernardo Mota Veiga | O cinema da avó #88
João Pedro Costa | Imagem do destino #90
Luiz Garcia | A minha vida é um cinema #92
Rita Falé | Cinema com impacto #94
Santa Casa da Misericórdia de Lisboa | Técnicos e utentes.... #96
Santa Casa da Misericórdia de Lisboa | Jesuítas #98
Os filmes das suas vidas #100
Paulo Batista | Os ("meus") antigos cinemas de Lisboa #116
Pedro Vieira | Cinema São Jorge #136
João Albuquerque Carreiras | O "meu" cinema #142
Vanessa Pires de Almeida | O conflito como inoculador #146
Paulo Almeida Henriques, Henrique Carvalho, Aida Nunes | O monumento... #148
Lidia Fernandes | A revista Scaena do Museu de Lisboa #152
Ana Luísa Soares e Ana Raquel Cunha | Árvores de Lisboa #156
Francisco Duarte Coelho | Segredos de Lisboa #158
Jorge M. Sampaio | Apocalipse ontem #159
Lisbonar | O nosso guia de Lisboa #161
Miguel Lobo Antunes | Entrevista #168
Ana Pérez-Quiroga | Auto-retrato da artista... #180
Concha Reynolds de Sousa | Grécia Antiga e Hollywood... #184
Francisco Mallmann | No verão em que... #185
Duarte Bénard da Costa | Ecos de Lisboa e movimento #186
Jorge Sobrado | Cultura, o embalar da esperança? #188
Oscar Sánchez Requena | El Planeta de Papel #190
Denise C. Rolo | Leituras #202
Sofia Viana | Por ti #203
João Albuquerque Carreiras | Postais perdidos #204
Felipe Sambado | Entrevista #206
Nuno Carvalho Homem | O dia em que a música moreu #214
Gustavo Homem | Luzes, Câmeras... Luzes ! #216
Fundação Dom Luís I | Bairro dos museus de Cascais #218
Pedro Santo Tirso | Bebida em tempos de confinamento #224
Francisco Dias | ART&TUR #227
José Paulo Teixeira | Viagens à volta do vinho #232
Joana da Franca | Chapéus há muitos #240

Propriedade:

Studiobox, Publicidade e Gestão de Meios,
Unipessoal Lda

Direção:

Bruno Esteves
Susana Andrade

Edição:

João Moreira
João Albuquerque Carreiras

Fotografia:

Bruno Esteves e João Albuquerque Carreiras

Arte:

Studiobox, Unipessoal, Lda

Ilustração:

João Albuquerque Carreiras

Identidade Corporativa:

Jorge Barrote

Comercial:

geral@revistabica.com
+351 962 706 373 / 968 405 494

Impressão:

Studiobox

Periodicidade:

Trimestral

Tiragem:

5 000 unid.

Depósito legal:

416462/16

Interdita a reprodução de quaisquer textos ou ilustrações por quaisquer meios.

A Revista Bica é escrita em português, sem utilização do acordo ortográfico.

Os conteúdos dos textos e as opiniões neles expressas são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

APOIOS:

CULTURA

SANTA CASA
Misericórdia de Lisboa

FUNDACÃO CASA GERAL DE BENEFÍCIOS
Culturgest

EGEAC | **MUSEU DE LISBOA**

maat
Museu
Arte
Arquitetura
Tecnologia

MNAA
MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA

LeYa



CINEMATECA PORTUGUESA
MUSEU DO CINEMA, LP.

NESTA EDIÇÃO

Esta BICA é dedicada ao Cinema. O Cinema que, aos 4 anos, enfeitou de tal forma Manuel Mozos, o realizador, actor, montador, assistente de realização, arquivista e técnico de restauro e recuperação de película, que o levou a abandonar o Curso de História, para se dedicar a contar-nos as histórias “que não podiam ficar por contar”, como nos explica numa entrevista que nos abre as portas à arte que Fellini definiu como “o modo divino de contar a vida.”

É, pois, desse “fluxo constante de sonho”, que falamos nesta edição. E se, de repente, fechados em casa, recuperássemos essa ou-sadia de sonhar? Sonhar ser super-heróis, ou índios, ou cowboys, ou escritores, ou simplesmente, septuagenários à beira da reforma, ansiosos por reencontrar o amor das nossas vidas, como se aventurou Miguel Lobo Antunes, ao aceitar o desafio de ser o protagonista do filme de João Nicolau, *Technoboss*, como nos conta, numa longa conversa em sua casa, no tempo em que ainda nos era permitido visitarmos-nos. Um tempo em que João Bénard da Costa era “muito lá de casa” e nos ensinou, com os seus textos, a ver o Cinema com outros olhos. Por isso, com a colaboração da *Cinemateca*, recuperámos uma das suas mais emblemáticas crónicas, da mesma forma que decidimos publicar a introdução do livro “Os Filmes da Minha Vida”, de François Truffaut. E é, exactamente, sobre os filmes das suas vidas que nos escrevem a Joana Bertholo, o Pedro Boucherie Mendes, o Vítor Cunha e a Patrícia Castello Branco. Já o João Albuquerque Carreiras e o Paulo Batista decidiram revisitar os “cinemas” das suas vidas. Convidámos o José Manuel Costa, a revelar-nos a sua ideia de *Cinemateca* e António Preto a escrever sobre o nosso Cineasta Maior, Manoel de Oliveira. Desafiámos, ainda, o Professor Carlos Fiolhais a escrever sobre a ligação entre Cinema e Ciência e o João Pedro Costa a explicar-nos o modo como a 7ª Arte mudou a vida de alguns destinos turísticos. A Vanessa Pires de Almeida, partindo do filme “Sono de Inverno”, de Nuri Bilge Ceylan, reflecte sobre a ligação íntima entre Cinema e Arquitectura. E, porque há textos que valem uma revista, aconselhamos a leitura da Crónica do Pedro Santos Guerreiro, “No futuro é que era bom”. Não se irão arrepender.

NOTA – Esta BICA sairá, pela primeira vez, online, sem previsão de lançamento da sua edição física, mas com a promessa de que, mal nos seja possível, a distribuiremos em papel, nos locais habituais. Nestes tempos de excepção, decidimos, excepcionalmente, oferecer, aos nossos leitores uma BICA maior, na edição virtual. Esperemos que gostem.

OS BICAENSES

Afonso Reis Cabral | Ana Luísa Soares | Ana Pérez-Quiroga | Ana Raquel Cunha | André Pinguel | André Serpa Soares | António Ferrari | António Filipe Pimentel | Bernardo Mota Veiga | Bruno Esteves | Constança Martins da Cunha | Duarte Bénard da Costa | Francisco Duarte Coelho | Francisco Mallmann | Gustavo Carvalho Homem | Hugo Macedo | Joana da Franca | Joana Sousa Monteiro | João Albuquerque Carreiras | João Almada | João Júlio Rumsey Teixeira | João Pedro Costa | João Moreira | Jorge Barrote | José Pedro Pinto | Lídia Fernandes | Luiz Garcia | Mariana Claro | Marta Gonzaga | Nicolau Pais | Oscar Sánchez Requena | Paulo Almeida Fernandes | Paulo Duarte sj. | Pedro Martins | Pedro Nápoles | Pedro Santos Guerreiro | Pedro Santo Tirso | Raimundo Mendes da Silva | Regina Azevedo Pinto | Susana Andrade | Valentina Carvalho | Vanessa Pires de Almeida | Verónica de Mello

Editorial

Não sei quantos filmes vi, antes de ver *The Searchers*, de John Ford, e de me arrepiar com o momento em que o gigante Ethan Edwards, a mais misteriosa e conseguida interpretação de John Wayne, abraça, no colo, a sobrinha Debbie (Natalie Wood), feita mulher de chefe índio, num dos mais extraordinários momentos de redenção da história do cinema. Nem sei por quantas mulheres me apaixonei, antes de me apaixonar pela Condessa Maria Torlato-Favrini, ou melhor, Maria Vargas, dançarina de Flamenco num cabaré de Madrid, ou melhor ainda, Ava Gardner, essa Ava-Vargas-Favrini que Mankiewicz filmou, como símbolo da máxima feminilidade, no belíssimo *The Barefoot Contessa*. Não sei quantas vezes chorei, antes de chorar todas as vezes que revi o tiro que Shirley MacLaine recebe, para salvar Sinatra, tombando de amor, mala de mão, em forma de urso de peluche, e almofada encarnada espalhadas pelo chão, como se gritando, no sacrifício derradeiro, “You gotta remember I’m human. I’ve fellys”, em *Some Came Running*, o filme que, só por si, bastaria para contrariar a *boutade* de Ford, quando questionado por Godard, sobre Minnelli: “Pensei que estivéssemos a falar de cinema”. Mas sei que, por cada um deles, nunca esquecerei esse sábado quente de Julho de '91, em que, “no sótão do Abel”, iniciei uma extraordinária viagem pela história do cinema. Durante um ano e mais de 200 filmes, aquele sótão foi a nossa *Cinemateca*, com a vantagem de podermos parar as sessões para discutir pormenores ou para acrescentar gelo e oitavos de *Castelo* aos nossos catolicíssimos *Tullamore Dew*.

Lá por fora, nas salas, Costner fazia sucesso, dançando com lobos, e Coppola encerrava, ao som da *Cavalleria Rusticana*, a saga de Mario Puzo, no mais intrincado e moralista dos *Padrinhos*. Mas isso que interessava, se ainda não tínhamos visto o berço, descontrolado, descer a escadaria de Odesa; nem a ressurreição de Inger, de quem Mikkel “não amava apenas a alma, também amava o corpo”; nem as mãos de Robert Mitchum, tatuadas com “love”, na direita, e “hate”, na esquerda, “à razão de uma letra por dedo”; nem o sorriso do desajeitado Clarence, ao ganhar as suas asas de anjo; nem o derradeiro beijo de Marie e Henrik, na noite em que vêem desenhos animados num projecto de 8mm; nem a frase disparada, como uma bala, por Burton a Jurgens, no meio do deserto africano, “You’re not a man, but an empty uniform, standing by itself”. O que se passava lá fora não interessava.

Durante esse ano, ao ritmo de dois a três filmes por semana, eu e o maior cinéfilo que conheci, o meu amigo Luís Abel Ferreira, fechados no sótão de sua casa, rimos e chorámos, amámos e odiámos, sofremos e rejubilámos, com o riso e o choro, os amores e os ódios, os sofrimentos e os júbilos das muitas personagens, com quem nos cruzámos noites adentro. O Cinema tornou-se, para nós, uma “hipertrofia de vida”, como lhe chamou Manuel S. Fonseca, porque cada filme a que assistimos passou a fazer parte da nossa memória, como se vivido por nós. Saídos daquele sótão, éramos *Judges Priest* e *Sergeants York*, *Georges Bailey* e *Joel Allen*, querendo mudar o mundo ou descobrir o elixir da eterna felicidade. Dir-me-ão que isso é um disparate, porque aquilo era só cinema, e, no cinema, tudo é falso. Respondo, como João Bénard da Costa: “Exactamente. E, exactamente por isso, muito verdadeiro. Porque, no grande cinema, é assim. E é o cinema que nos faz acreditar na vida, e raramente o inverso”.

Referências:

A Desaparecida – John Ford (1956) / *A Condessa Descalça* – Joseph L. Mankiewicz (1954) / *Deus Sabe Quanto Amei* – Vincente Minnelli (1958) / *Danças com Lobos* – Kevin Costner (1990) / *O Padrinho: Parte III* – Francis Ford Coppola (1990) / *O Coração de Potemkine* – Sergei Eisenstein (1925) / *A Palavra* – Carl Theodor Dreyer (1955) / *A Sombra do Caçador* – Charles Laughton (1955) / *Do Céu Caiu Uma Estrela* – Frank Capra (1946) / *Um Verão de Amor* – Ingmar Bergman (1951) / *Cruel Vitória* – Nicholas Ray (1957) / *Juiz Priest* – John Ford (1934) / *Sargento York* – Howard Hawks (1941) / *A Hora da Saudade* – Vincente Minnelli (1945)

Por João Moreira

Os (“meus”) antigos cinemas de Lisboa

por Paulo Batista

O tempo não pára e tem sido impiedoso com os antigos cinemas de Lisboa. A memória de um passado glorioso foi substituída pela pequenez do presente, num futuro que, cada vez mais, parece incerto.

Ir ao cinema é, em 2020, algo de profundamente diferente quando comparado com o início dos anos 80 do século passado. Quase tudo mudou. Com exceção de algumas salas que ainda continuam em atividade, a grande maioria viu o seu espaço transformado para outros fins, que nada têm a ver com a sua função inicial (bancos, supermercados, lojas de roupa, locais de culto, etc.), ou encontram-se abandonadas, quantas vezes em ruínas.

De facto, na atualidade, o cinema é quase exclusivamente disponibilizado ao público em grandes superfícies comerciais, nas salas de cinema multiplex - os cinemas com mais de uma sala - que chegaram em força com os shoppings ou centros comerciais, à semelhança de qualquer outro produto de consumo disponibilizado nos mesmos. Este fenómeno, verificado a partir do começo da década de 80 do século XX, ajuda a explicar o acelerado desaparecimento das salas clássicas, de rua, onde *apenas* se vai, ou ia, ao cinema, já que, por regra, hoje as pessoas não saem de casa apenas por essa razão. Na verdade, quase parece que agora se vai ao cinema depois das compras e do jantar, mas sempre, ou quase, em grandes centros comerciais, verdadeiras “cidades dentro da cidade”, considerando os serviços e espaços de lazer que agregam, a que se juntam as facilidades de estacionamento.

Talvez por isso, segundo o Instituto do Cinema e do Audiovisual (ICA), em 2019 o número de espetadores das salas de cinema portuguesas foi de 15.5 milhões,

um aumento face ao ano anterior, em que se situou nos 14.7 milhões, mas a receita bruta foi de 83.1 milhões de euros, o valor mais alto desde 2004.

O definir dos cinemas de antigamente

É inegável que as condições existentes nalgumas das salas de cinema desse período não eram as melhores, como o chão plano, cadeiras mal posicionadas e com pouco espaço entre si, ou o ecrã demasiado baixo. Também isto concorreu para a progressiva diminuição dos espetadores e, sem estes, os proprietários das salas deixaram de conseguir suportar as despesas, o que, por sua vez, levou ao sucessivo encerramento dos antigos cinemas do centro da capital.

Curiosamente, se há menos cinemas em Lisboa, por outro lado, nunca existiram tantas salas, onde, fina ironia, a variedade de filmes em exibição é mais reduzida do que no final do século XX, já que o mesmo filme é disponibilizado em inúmeros espaços, um pouco por todo o país, limitando a escolha do público, com prejuízo evidente do cinema europeu e independente.

Envolvendo esta dinâmica, se nos supraditos anos 80 existiam dezenas de proprietários de salas, na atualidade essa evidência encontra-se concentrada em apenas quatro: o Cinemas NOS, claro líder de mercado, com o Alvaláxia, Amoreiras, Colombo e Vasco da Gama; o Cinema City, com as salas de Alvalade e do Campo Pequeno; a Medeia Filmes, com o Nimas, na avenida 5 de Outubro, e a sala Fernando Lopes, na Universidade Lusófona, em frente ao jardim do Campo Grande, recentemente renomeado jardim Mário Soares; e a UCI Cinemas, com as salas do El Corte Inglés. A oferta cinéfila na capital é com-

pletada pelo São Jorge, a Culturgest, no edifício sede da Caixa Geral de Depósitos, na rua Arco do Cego, e as salas isoladas do Cinema Ideal, na rua do Loreto, junto ao largo de Camões, no Chiado, da Casa da América Latina, na avenida da Índia, do espaço Rua das Gaivotas 6, que deve o nome à rua onde se situa, em Santos, junto ao IADE, e do Teatro do Bairro, na rua Luz Soriano, no Bairro Alto.

Dito de outra forma, se no princípio dos anos 80 existiam mais de 40 cinemas diferentes em Lisboa, três deles (os Alfas, o Quarteto e o São Jorge) com mais de uma sala, os designados multiplex, em 2020 esse valor, de acordo com os números disponibilizados pelo ICA é de apenas 15, contudo 10 destes são salas multiplex, dos quais 7 se encontram em grandes superfícies comerciais.

Ainda assim, é indesmentível que os novos cinemas integrados nas grandes superfícies comerciais e, por via disso, com uma situação abertamente monopolista da oferta existente, para além de possuírem qualidade de som e imagem superior, oferecem mais variedade de opções, em diferentes horários, têm outro conforto e apresentam melhores condições de segurança, o que não é de somenos na ocorrência de um sinistro.

Todavia, estes argumentos de peso a favor das salas multiplex, não evitam que estas apenas se encham quando projetam um *blockbuster*, encontrando-se vazios, ou perto disso, na maior parte do ano, ao contrário do que normalmente sucedia nos antigos cinemas de Lisboa, nos referidos anos 80.

E depois, claro, quando se procura compreender a lenta agonia dos cinemas antigos, a televisão, cujas emissões regulares começaram em 1957, assume uma importância absoluta pela transformação profunda que provocou na vida familiar, social e cultural da grande maioria das pessoas.

Com efeito, a história do cinema, no caso que nos interessa, em Lisboa, mas a fórmula é global, é feita de resiliência e permanente adaptação às novas realidades. Primeiro, ainda nesses anos 80, foi o aparecimento do vídeo e o *boom* dos clubes de vídeo, que, um pouco por todo o mundo, permitiam o aluguer de filmes de uma forma acessível, o que levou ao apa-

recimento de novas práticas de consumo, em casa, longe do olhar público inerente à ida ao cinema. Seguiu-se a criação dos dois canais de televisão generalistas privados (a SIC e a TVI), em 1992 e 1993, a par dos chamados canais por cabo. Em 1997 chegou a Portugal o DVD - no início do século XXI aparecerá o Blu-ray - cujo leitor rapidamente se tornou num dos eletrodomésticos mais vendido em Portugal.

Por último, no final dos anos 90, surgiram os clubes de vídeo em casa, pelo que já ninguém necessitava de sair da sua habitação para poder alugar um filme. A tudo isto juntou-se a pirataria, quer por via de cópias ilegais, quer, mais recentemente, com o acesso através de *streaming*, permitindo que qualquer pessoa, mesmo com conhecimentos básicos de informática, consiga aceder a filmes de forma gratuita, nos mais variados dispositivos e locais, desde que tenha uma ligação à *Internet*, não necessitando de ir ao cinema para ver um filme, dos clássicos aos que ainda não estrearam nas salas.

Considerando o referido, é fundamental que as pessoas, sobretudo as gerações mais novas, percebam que ver um filme na televisão, computador, tablet ou telemóvel é uma experiência que fica muito aquém de ir ao cinema, por mais completos que sejam os conteúdos das plataformas de *streaming*, como a Netflix ou a HBO, cada vez mais concorrentes de peso da 7ª Arte.

Quando escrevo este texto, o mundo depara-se com uma pandemia de consequências imprevisíveis, mas que, naturalmente, já está a ter bastante impacto nos cinemas, um pouco por todo o Mundo. Em Hollywood, as filmagens, produções, estreias e eventos públicos pararam, originando uma rutura sem paralelo na indústria do entretenimento. No caso de Lisboa, os cinemas Nimas e Ideal suspenderam a atividade, encerrando ao público, até ao princípio de abril, e a Nos reduziu a capacidade das salas, vendendo bilhetes para lugares alternados, de forma a garantir a distância social de segurança, a que se junta o reforço das medidas de higiene.

Tempos difíceis para o(s) cinema(s). Mais uma vez.

Cinemas antigos de Lisboa



Cinema Éden. Arnaldo Madureira, c. 1960
Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/ARM/000615

Éden (1937-1989)

Uma das salas lendárias da capital, situada na zona dos Restauradores. Este edifício único, possivelmente a obra mais emblemática de Cassiano Branco, e um dos marcos na arquitetura moderna portuguesa é, não obstante, atribuído ao arquiteto Carlos Dias, seu colaborador, que o concluiu, e ao engenheiro civil Alberto Alves Gama, num percurso pródigo em polémicas.

Inaugurado em 1937, numa cerimónia que contou com a presença do Chefe de Estado General Óscar Carmona, depois de apresentar duas peças de teatro, passou rapidamente, no ano seguinte, a sala de cinema, tornando-se, durante quase 50 anos, uma das mais procuradas da capital, senão mesmo a primeira entre todas, também por via da sua localização central, na Baixa Pombalina.

Porém, os anos 80 foram bastante difíceis para este espaço, sucedendo-se os episódios de decadência, que ofuscaram o brilho e o glamour das décadas anteriores.

Para lá do impacto dos cartazes expostos na sua “fachada publicitária”, que anunciavam os filmes exibidos, tenho bem viva a memória do último filme que aqui vi, *Os Deuses Devem Estar Loucos II*, de Jamie Uys, em janeiro de 1989. Como lamento não ter percebido que seria o derradeiro filme a ser aqui exibido, para me “despedir”, como gostaria, desta sala mítica.

Esgotado o ciclo inicial, pese as manifestações e protestos da opinião pública contra essa intenção, o Éden foi transformado no hotel Éden, integrando, ainda, a Virgin Megastore, sucessivamente substituída pela Loja do Cidadão e pela maior loja da Mango no país. Atualmente continua a acolher uma unidade hoteleira.

São Jorge (1950-)

O número 175 da avenida da Liberdade é ocupado pelo São Jorge, a primeira sala de cinema luxuosa do país, inaugurado em 1950.

Projetado pelo arquiteto Fernando Silva, esta obra valeu-lhe nesse ano o Prémio Municipal de Cultura, em reconhecimento à modernidade das linhas, grandiosidade da estrutura e capacidade da sala, que com os seus 1827 lugares fizeram deste cinema o maior da Península Ibérica à época.

Quando foi construído, o São Jorge tornou-se rapidamente sinónimo de sofisticação, sendo o primeiro cinema em Portugal com ar condicionado e sistema de aspiração para a extração de poeiras.

As recordações que tenho desta sala de espetáculos remontam a uma segunda fase da sua vida, na sequência das grandes obras de beneficiação, ocorridas em 1981, da autoria do engenheiro Artur Pinto Martins, que transformaram o espaço original em três salas, nada obstante, suficientes para fazer de uma delas, a Sala Manoel de Oliveira, a maior de Lisboa, com 848 lugares, onde estive vezes sem conta. Lembro-me bem da sua grande beleza, da extraordinária acústica e do conforto, que explicam que à data do seu encerramento para obras já tivesse superado os 20 milhões de espetadores.

Aquando da sua reabertura, no final de 1982, vi aqui o meu primeiro filme da série 007, *For your Eyes Only*, realizado por John Glenn cuja estreia, uns meses antes, contou com a presença do ator Roger Moore. Em 2001 a Câmara Municipal de Lisboa adquiriu o São Jorge, que voltou a fechar para obras, com o objetivo de acolher os principais festivais da capital, onde passei a apreciar, sobretudo, o Indie Lisboa e a Festa do Cinema Francês. Desde 2003 que a gestão deste espaço é responsabilidade da EGEAC – Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural, destacando-se a diversidade da sua programação, de tal forma que já aqui assisti a espetáculos de música, ciclos de conferências e lançamentos de livros e discos.

Acredito que o futuro das antigas salas de cinema de Lisboa, e de muitas outras cidades do país, passe por aqui, pela sua reconversão para fins culturais, à semelhança do que ocorre noutras cidades da Europa.



Cinema São Jorge. Armando Maia Seródio, 1959
Arquivo Municipal de Lisboa, T/AMLSB/CMLSB AH/PCSP/004/SER/001995



Cinema Monumental. Armando Maia Seródio, 1965-07
Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/SER/006892

Monumental (1951-1983)

O Monumental foi o mais imponente cinema de Lisboa e, a par do Éden e do Império, uma das suas grandes catedrais.

Projetado pelo arquiteto Raúl Rodrigues Lima e decorado por José Espinho, o Cine-Teatro Monumental, localizado na emblemática praça Duque de Saldanha, de que rapidamente se tornou um *ex libris*, foi inaugurado em 1951, sendo constituído por um teatro para 1182 espetadores, um cinema para 2170, para lá de um café-restaurant e um espaço para exposições. Um verdadeiro gigante, a fazer jus ao nome, à época descrito como «único no seu género em todo o mundo», onde imperava a modernidade, segurança, luxo e bom gosto, e que, de imediato, passou a ser a referência no género em Portugal. Foi aqui que, onde pela primeira vez no país, em 1953, os espetadores puderam ver um filme em três dimensões.

Tive a sorte, e o prazer, de o frequentar inúmeras vezes, quer o cinema, quer o teatro, que também acolheu grandes nomes da música portuguesa e internacional, como Charles Aznavour, Sylvie Vartan, Johnny Halliday, Françoise Hardy, Adamo e Rita Pavone, ou Louis Armstrong e Sammy Davis Jr. No primeiro, recorde, de forma muito expressiva, o seu enorme ecrã, ladeado por dois grandes painéis de Maria Keil, que a todos parecia deixar sem palavras, tal o espanto que provocava. O gigantesco *foyer* não se ficava atrás na impressão causada, pela sua dimensão e decoração, com lustres sumptuosos, *maples* sofisticados e mármore dourados, a que se juntavam as esculturas de Euclides Vaz nos corredores.

No último piso do Cine-teatro Monumental existia um salão de chá, que mais tarde foi adaptado, de novo sob o traço de Raúl Rodrigues Lima, para acolher o Satélite (em alusão a ficar na órbita do Monumental), uma pequena e aconchegante sala-estúdio, com 208 lugares, inaugurada em 1971, que se destinava a uma oferta alternativa, em contraponto à mais comercial da grande sala de cinema.

Primeiro, foi o teatro a encerrar, em março de 1982, a que se seguiu o cinema, em novembro desse ano, mas o pior estava para vir, com a demolição do edifício, no ano seguinte, um dos maiores atentados ao património arquitetónico e cultural de Lisboa e de Portugal.

Recordo bem este episódio, porque levou ao desaparecimento da sala onde, pela primeira vez, no começo dos anos 80, fui ao cinema, para ver o arqueólogo-aventureiro Indiana Jones, em *Os Salteadores da Arca Perdida*, de Steven Spielberg.

No seu lugar foi construído um novo imóvel, inaugurado em 1993, com escritórios, centro comercial e quatro salas de cinema, em que a única semelhança com o espaço original se cinge ao nome. A programação era interessante e variada, e as condições, no geral, não comprometiam, mas faltava sempre alguma coisa - alma, carisma, memórias - sobretudo para quem como eu, teve o privilégio de frequentar o edifício que o antecedeu. Também estas salas foram encerradas ao longo de 2019, mas está previsto que o cinema regresse ao novo Monumental no último trimestre de 2020, depois das obras de remodelação deste imóvel ficarem concluídas.

Alvalade (1953-1985)

Inaugurado no final de 1953, o cinema Alvalade, projetado pelos arquitetos Lima Franco e Filipe de Figueiredo, encontrava-se no bairro com o mesmo nome, no gaveto da avenida de Roma com a rua Luís Augusto Palmeirim.

Sempre achei este cinema singular, desde logo pela sua localização, na deslumbrante avenida de Roma, em que aprendi a admirar demoradamente a qualidade arquitetónica dos edifícios e comecei a frequentar os cafés icónicos que povoavam o seu percurso, como o Roma, Capri, Londres, Sul América, Vá-Vá, Luanda ou a Suprema, finalizando na Mexicana, já na avenida Guerra Junqueiro.

Para lá do cinema, de traço simples e moderno, da sala recordo uma pintura, de grandes dimensões, de Estrela Faria, numa parede do vasto átrio da entrada, mas a principal memória que guardo deste espaço tem que ver com um Verão, creio que de 83 ou 84, em que, também aqui, fiz o circuito das reprises (reposições) e assisti a clássicos do cinema, como Os Três Mosqueteiros, de Richard Lester, ou A Fúria do Dragão, de Lo Wei, com Bruce Lee a brilhar intensamente.

Depois de encerrar ao público, em 1985, o cinema foi sucessivamente cedido para espetáculos e festivais, alugado à Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), cedido a uma empresa com a finalidade de vendê-lo e, finalmente, demolido em 2003, depois de alguns anos votado ao abandono.

Em 2009 foi inaugurado um edifício habitacional, com quatro pequenas salas de cinemas - Cinema City Alvalade - onde fui algumas vezes. A programação é de excelência, o ambiente é elegante e as salas são muito confortáveis, mas, o que me emociona, porque me faz recuar no tempo, é o painel de Estrela Faria, que foi restaurado e recolocado no lugar que ocupava no edifício original.



Cinema Alvalade. Salvador de Almeida Fernandes, 1955-
Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/CMLSB/PCSP/004/SAL/000135



Cinema Vox. Photographia Vasques, casa fotográfica, 1977
Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/CMLSB/PCSP/004/VAQ/000248

King - antigo Vox (1969-2013)

O espaço que até 2013, ano do seu encerramento, conhecíamos como cinema King – durante algum tempo designou-se King Triplex, devido às suas três salas – começou por chamar-se Vox.

Localizado na avenida Frei Miguel Contreiras, junto ao teatro Maria Matos, o Vox foi inaugurado em 1969, segundo o projeto dos arquitetos Aníbal Barros da Fonseca e Eduardo Paiva Lopes.

Este cinema foi um clássico das noites de Lisboa, razão de tantas romarias, um daqueles amores que não se esquece e que recordamos com um sorriso. Sim, as cadeiras chiavam, o espaço para as pernas era mínimo e o som roçava o sofrível, mas a programação, sem cedências ao *mainstream*, não se encontrava em nenhuma outra sala do país, como o filme *Luz Silenciosa*, de Carlos Reygadas, um dos últimos filmes que me relembro de ver neste espaço.

Também aqui, tal como sucederá, quase de imediato, no Apolo 70, o crítico de cinema Lauro António deixou a sua marca, ao fazer algo que revolucionou as noites de Lisboa, em geral, e do cinema em Portugal, em particular: a primeira sessão de cinema à meia-noite. O sucesso foi tal que nessa noite se realizaram mais duas sessões, a última iniciada às quatro da manhã.

Londres (1972-2013)

O Londres, na avenida de Roma, projetado pelo arquiteto Eduardo Goulart de Medeiros e fundado por José Castello Lopes, foi um cinema diferente.

Confesso que sempre me impressionou a escultura de Cutileiro e a pintura de Noronha da Costa, artistas que muito admiro, na entrada, cuja escadaria, de tão íngreme, assustava, mas que no conjunto davam o mote para aquela que durante bastante tempo foi reputada como a melhor sala-estúdio de Lisboa.

Muito mais importante - uma verdadeira revolução ao nível do conceito - se até aí a maior parte dos cinemas tinha salas com apenas um ecrã, o Londres foi inaugurado com um *pub* e um *snack-bar*. Doravante, os seus clientes podiam “beber um copo”, comer e desfrutar de uma sessão de cinema, proporcionando uma experiência desconhecida nas salas de então.

Apesar disso, o que me arrebatou neste cinema foi a sua programação alternativa, em que o cinema europeu, particularmente o francês e o italiano se destacavam. Foi aqui que vi, entre muitos outros, o magnífico *Paris, Texas*, de Wim Wenders, em 1988, de que ainda guardo o bilhete, nas inesquecíveis e apertadas cadeiras, que, graças a um sistema hidráulico, deslizavam quando nos sentávamos! Para trás ficaram as utilizações deste espaço como restaurante, *boîte* e *bowling*.

No prelúdio do século XXI, a sala principal deste cinema foi transformada, originando uma segunda. Um dos últimos cinemas antigos de Lisboa que resistiu aos novos tempos, foi encerrado no começo de 2013, sendo, desde 2015, sinal dos tempos, uma loja de produtos chinesa.

URNAY

CINEMA LONDRES

BERGMAN/MOZART

A FLAUTA
MÁGICA

14.00 16.30 19.00 21.30



SNACK • BAR

a Flauta
Mágica

SNACK • BAR



HM-77-75



LF-65-



Cinema Quarteto. Photographia Vasques, casa fotográfica, 1977
Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/CMLSB AH/PCSP/004/VAQ/000194

Quarteto (1975-2007)

Inaugurado no pós-25 de Abril, por Pedro Bandeira Freire, fundador da Livraria Opinião, escritor e realizador, o Quarteto, projetado pelo arquiteto Nuno San-Payo, e situado na rua Flores de Lima, paralela à avenida Estados Unidos da América, foi o “meu” cinema.

As salas eram pequenas, mesmo desconfortáveis, os ecrãs reduzidos e a projeção estava longe de ser a ideal, mas foi aqui que aprendi que existia mais cinema para lá do óbvio, apurei gostos e desenvolvi espírito crítico, já que foi uma das poucas a passar cinema alternativo e de autor, de tal forma que cheguei a ver três filmes no mesmo dia. Tudo isto a contrastar, em absoluto, com a programação de êxitos assegurados, mas sem grande qualidade, que pejavam a maior parte dos cinemas dos cinemas de Lisboa a seguir ao fim do Estado Novo.

Um cinema diferente de todos, vanguardista, um sucesso estrondoso, a fazer justiça ao ano em que nasceu: o Quarteto foi o primeiro cinema multiplex de Portugal, o mais invulgar de todos, visionário de um futuro que chegaria, nos anos 90, de forma esmagadora para as pequenas salas de cinema, onde se incluía, levando ao encerramento de quase todas. Era a famosa divisa, rapidamente popularizada entre cinéfilos, *Quatro Salas / Quatro Filmes*, com quatro salas de cinema, todas com filmes diferentes e, num total de 18 exhibições diárias, muitos deles exclusivos, numa atmosfera única. A par das reposições e ciclos temáticos, as famosas sessões da meia-noite, às sextas-feiras, quase sempre esgotadas, que se estendiam quase até de manhã, são inolvidáveis.

Foi aqui que vi, em 2002, um dos filmes mais perturbadores, *Irréversible*, escrito e dirigido por Gaspar Noé. Recordo-me das inúmeras pessoas que abandonaram a sala à medida que a trama do filme se desenrolava.

O fim anunciado chegou a 17 de novembro de 2007, quando a Inspeção-Geral das Atividades Económicas entendeu que o espaço não tinha as condições de segurança para o seu funcionamento. Depois de ter sido utilizado pela Igreja Evangélica Plenitude de Cristo, é um *cowork* e um rooftop.

Estúdio Apolo 70 (1971-1990)

A sala de cinema Estúdio Apolo 70 situa-se num dos centros comerciais, inicialmente também designados *drugstores*, mais antigos do país, na avenida Júlio Dinis, perto do Campo Pequeno. Foi inaugurada em 1971, com o nome Apolo 70, em homenagem à missão espacial Apolo 11, que permitiu que o homem, pela primeira vez, pisasse a Lua.

À época, rezava a publicidade, considerado a maior *drugstore* da Europa, tinha 41 lojas e ainda um salão e jogos, uma inovadora sala de *bowling* automática de 4 pistas e um magnífico *snack-bar* (com os melhores gelados de Lisboa!), para lá de uma excelente sala de cinema, projetada pelo arquiteto Augusto Silva e decorada pelo pintor Paulo Guilherme.

O Apolo 70 revolucionou a forma como se ia às compras e ao cinema na capital, neste último ao introduzir as sessões da meia-noite, que o já referido Lauro António tinha experimentado dias antes no Vox. Os preços mais baratos disponíveis para estas sessões, com o nome *As Meias-Noites Fantásticas*, tornaram-se rapidamente um grande sucesso e um acontecimento na capital.

Penso que uma das principais razões do triunfo deste cinema foi, precisamente, ter Lauro António como programador, com os seus fantásticos desdobráveis, repletos de comentários críticos aos filmes em exibição, que eram entregues aos espetadores, o que deixou de acontecer em meados dos anos 80. Se o centro comercial chegou à atualidade, e continua aberto ao público, este fabuloso cinema fechou em 1990, tal como tantos outros de Lisboa, sendo substituído por um restaurante.

Um dos filmes que aqui vi, em 1985, foi o memorável e incompreendido épico de ficção científica *Dune*, realizado por David Lynch.



Cinema Apolo 70. Photographia Vasques, casa fotográfica, 1977
Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/VAQ/000062

Memórias de um tempo

É esta a história dos cinemas da minha vida, não duvido, com episódios semelhantes a muitas outras, porque feita de salas especiais, com história, onde assisti a filmes marcantes, tantas vezes com sessões esgotadas, em que as estreias não tinham data fixa e em que alguns filmes eram exibidos durante anos, muito para além do consumo dos telemóveis, das bebidas gaseificadas e do barulho irritante das pipocas, que parecem ter tomado conta destes espaços.

Se no presente ir ao cinema é somente uma das inúmeras hipóteses que os shoppings disponibilizam, pelo contrário, nos anos 80 era um acontecimento social com significado, que promovia a interação entre as pessoas, que encarávamos com deleite, expectativa e, mesmo, emoção, independentemente do filme que íamos ver, bem longe da massificação, banalidade e formatação de hoje.

Na realidade, estas salas de cinema, não só eram um espetáculo, como se destinavam para esse fim, não servindo apenas, como no presente, para a exibição de filmes, mas também de teatro, música, etc. Quem não se lembra dos majestosos cortinados de veludo (uns dourados, outros encarnados, com folhos), que cobriam a tela de projeção, e que se abriam e fechavam no início e no fim do filme reproduzido?

Bem sei, a nostalgia, diria mesmo a saudade, turva-me a isenção, sempre em prejuízo das salas multiplex, mas, seguramente, cada uma das salas desse tempo tinha uma história, personalidade, magia, charme, calor humano e, até mesmo, um cheiro diferente, nunca esquecendo o que o seu desaparecimento representou do ponto de vista arquitetónico para Lisboa. Se na época atual é mais fácil ver cinema do que há 30 ou 40 anos, o encanto que nessa altura existia e a familiaridade singular que esses espaços nos faziam sentir é incomparável com o que agora (não) existe.

Por isso, o sucessivo encerramento destas salas é algo que, muito para além dos cinéfilos, marca indelevelmente todos os que gostam de Lisboa, deixando-nos com um vazio e um sentimento de perda, porque o seu desaparecimento representa, do mesmo modo, o fim de uma parte das nossas vidas.